

março/2021

# Revista *Verlidelas*

edição n° 09



**entrevista**  
VICKI  
FALCETTA

Prosa & verso

Encontros  
e Tempos  
de Mar



março/2021

# Sumário

ENTREVISTA ... 03  
**Vicki Falcetta**

CONTO ... 10  
**Encontros**  
**J. C. Rodrigues**

POESIAS ... 16  
**Danniel Valente**

## EXPEDIENTE:

Editor-chefe:  
•Sergio Carmach

Editora assistente:  
•Luzia Barbosa

Foto de capa:  
•Arquivo pessoal da autora

Revisão, diagramação e arte:  
•Sergio Carmach

contato@verlidelas.com  
[www.verlidelas.com](http://www.verlidelas.com)  
[www.facebook.com/verlidelas/](https://www.facebook.com/verlidelas/)

Verlidelas Editora  
CNPJ 27.850.067/0001-71  
Rio de Janeiro/RJ

## EDITORIAL

As altas temperaturas do verão se despedem este mês, mas o sol continua a brilhar em nossa revista. Esta edição abre com a entrevista alto-astral de Vicki Falcetta, escritora participante da antologia "Cura Poética". Argentina e cheia de histórias para contar, ela fala de sua vinda para o Brasil ainda criança e de sua imersão no mundo dos versos. Em seguida, um conto luminoso de J. C. Rodrigues sobre amor e amizade. O autor – como ele mesmo diz – gosta de levar esperança e encantamento às pessoas, de fazer o leitor acreditar em coisas aparentemente impossíveis. Como em um agradável entardecer, a poesia de Danniel Valente lança sua luz no fim desta edição. Aliás, os admiradores do poeta amazonense podem se alegrar ainda mais. Em breve, ele



visitará a revista como convidado especial. Aguardem! E uma ensolarada leitura a todos!  
**Luzia Barbosa**

Apoiam esta edição:



**Conheça**



**Conheça**



**Conheça**



**Conheça**



Argentina naturalizada brasileira, Vicki Falcetta mora em Salvador desde a infância. Essa mistura cultural – associada à formação na área de Pedagogia e à vivência profissional como terapeuta integrativa, consultora empresarial e *coach* – ajudaram a moldar sua identidade artística. Em uma entrevista sincera, Vicki conta como venceu os obstáculos até adquirir plena confiança em sua trajetória literária

POR SERGIO CARMACH

# vicki

# FALCETTA

### Fale um pouco de sua jornada literária.

Sempre fui uma criança tímida, introspectiva. Muitas pessoas achavam que eu não ia falar. Tive dificuldades de aprendizagem, de equilíbrio, de coordenação motora e de concentração, tanto que precisei repetir a alfabetização e fazer tratamento fonoaudiológico por muitos anos. Na verdade, não tenho muitas memórias da infância, mas me lembro de não gostar de ler, mesmo tendo bons exemplos em casa. Minha mãe adorava livros e meu pai estava sempre com jornais e revistas. Ele pegava no meu pé e me incentivava a ler pelo menos os periódicos, o que – dizia ele – me daria conteúdo para conversar com outras pessoas. Mas não adiantava, eu continuava sem interesse algum pela leitura. E isso me fazia ir mal nas aulas de Português e Redação nos tempos de escola.

No magistério, como eu tinha de aprender para ensinar, acabei finalmente pegando algum gosto pela leitura. Depois, passei para a faculdade de Pedagogia, que também exigia o desenvolvimento desse interesse. Já na fase adulta, as poesias recebidas de um então namorado me despertaram a vontade de escrever, de compor versos. Uma das dicas que ele me deu foi deixar a inspiração surgir de coisas que me tocassem o coração, que fizessem eu me sentir bem. Até como uma forma de retribuição, passei a fazer poemas para ele. E eu mesma acabei apaixonada pelos textos, o que me estimulou a buscar um aperfeiçoamento.

Em 2016, fui convidada para participar de um sarau por um amigo. Lá, conheci a coordenadora do Movimento Nacional Elos Literários, e ela sugeriu que eu lhe mandasse algumas poesias. Alguns dias após o envio, recebi um retorno com muitos elogios e um pedido dela para eu nunca mais parar de compor. Acabei participando do quinto volume da coletânea Elos Literários e, assim, aos quarenta e três anos, iniciei oficialmente minha carreira literária. Depois, participei de várias outras obras.



### A origem argentina ajudou na formação de sua identidade artística? Conte sobre sua vinda para o Brasil.

Ajudou, sim. Meus pais sempre falavam da cultura argentina e da importância de não esquecermos as nossas origens. Foi isso que me estimulou a compor uma poesia em espanhol intitulada “Ser Mujer”, uma homenagem ao Dia Internacional da Mulher, assim como “O Tango”, uma declaração de amor a esse estilo musical que escrevi quando estava presa em um engarrafamento.

Eu vim para o Brasil porque meu pai, iniciando a carreira de engenheiro químico, foi convidado

para trabalhar em uma empresa daqui. Ele só aceitou na terceira vez, quando a Argentina passava por um golpe militar. O exército estava nas ruas com metralhadoras e não respeitava ninguém. Meus pais temiam pela segurança da família. Assim, eu, com três anos, e meu irmão, que tinha cinco, viemos com eles para o Rio de Janeiro. A princípio, morar em outro país foi difícil. Era tudo diferente – idioma, cultura, comida... Lembro que na época da escola eu não queria ficar na sala de aula, pois não entendia o que as pessoas diziam. Preferia ficar com a diretora, que me deixava mais confortável por ser colombiana e falar espanhol. Foi uma época de muita adaptação para toda a família. Meus pais tiveram de contratar uma professora que dominava os dois idiomas para ensinar os deveres para mim e meu irmão. A escola também deixava a minha mãe assistir às aulas para depois nos ajudar com as lições. Em 1978, dois anos depois de nossa chegada, meu pai foi convidado para dar partida no polo

petroquímico em Camaçari, Bahia. Viemos para Salvador, onde moro desde então. Mas só em 2012 me naturalizei brasileira, para prestar concurso público. Viver essas diferenças de cultura contribuíram, e muito, para dar forma ao meu trabalho.

**A pedagogia, sua área de formação, foca na educação e no ser humano. Esse aspecto de sua vida se relaciona de alguma forma com as poesias que você compõe?**

A pedagogia visa melhorar o processo de aprendizagem dos indivíduos, o que pode acontecer por meio da reflexão, da sistematização e produção de conhecimento... De certa forma, componho as minhas poesias levando em conta um pouco dessa abordagem. Os meus versos apresentam a realidade e eventualmente mostram ao leitor que os erros e acertos do dia a dia fazem parte de um processo de fortalecimento, despertando-o para a ideia de que



todos podem superar desafios, avançar e ter vida abundante. Sou uma pessoa que gosta de ajudar no desenvolvimento do ser humano, de levá-lo a pensar sobre as adversidades que vivemos cotidianamente.

**Conforme já dito, você faz parte do Movimento Nacional Elos Literários, que, inclusive, já a agraciou com uma medalha. O que seria exatamente esse movimento e qual a importância dele em sua trajetória como poeta?**

O Elos Literários é um movimento nacional no qual participam vários escritores de todo o Brasil, que reúnem seus textos em antologias. Esses textos são diversificados – contos, prosas poéticas, poesias... Cada autor tem a liberdade para escrever sobre os temas que o deixam mais confortável. Ter sido aceita no grupo é, para mim, um reconhecimento como poetisa. Nele, sinto-me acolhida e estimulada a criar belas obras, que geram em mim grande satisfação pessoal. Devido às coisas que me aconteceram no passado, conforme já contei em outras respostas, comecei insegura. Mas a coordenadora do movimento me apoiava sempre, dizendo que eu estava no caminho certo e que deveria continuar escrevendo sem deixar os outros bloquearem meu brilho e criatividade. A medalha

foi o coroamento dessa jornada, uma conquista. Então me dei conta, definitivamente, de que sou capaz de fazer o que quiser. Passei a ter plena confiança em mim mesma.



**Na composição de poesias, você se inspira até em quadros. Fale sobre seu processo criativo.**

Geralmente, escrevo poesias quando algo me toca o coração. Certa vez, fui ao teatro da minha cidade e assisti à apresentação de uma orquestra que me emocionou bastante. Aquela felicidade me deixou inspirada e acabei compondo um poema chamado "A Vida É como uma Orquestra". Em outra ocasião, eu es-

tava viajando pelo interior da Bahia e cheguei a um hotel em que cada quarto tinha um quadro. No aposento em que fiquei, a gravura retratava uma mulher da região. Fiquei comovida, pois aquela imagem parecia transmitir a ideia de conquista de sonhos. Fiz uma poesia inspirada no quadro e a mostrei para o gerente, que copiou alguns versos para usar como motivação aos colaboradores. Fiquei feliz, claro. Meu processo criativo é assim. Deixo fluir sem me sentir cobrada. Quando a criatividade acontece, tenho uma folha de papel e uma caneta em mãos.

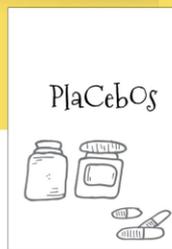
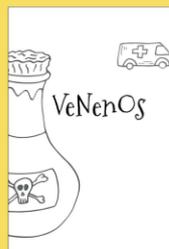
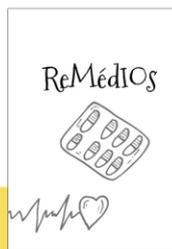
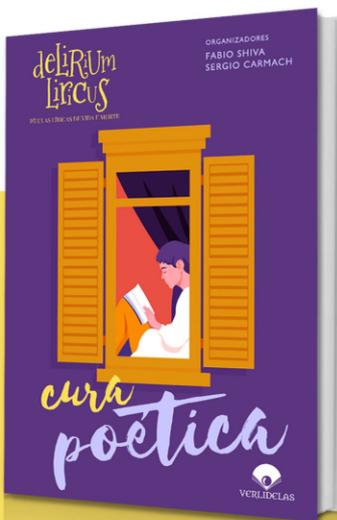
**Você teve duas poesias selecionadas para participar da antologia “Cura Poética”. Seu trabalho como terapeuta integrativa a ajudou na composição desses versos?**

Em parte. Trabalhando como terapeuta, fico mais sensível às energias e me torno mais intuitiva para ajudar as pessoas a se desenvolverem nas questões pessoais e profissionais. As minhas poesias, por sua vez, são relacionadas às questões do amor, à motivação. Sendo assim, reflexões surgidas das sessões de terapia podem me servir de inspiração, no sentido de como tornar os versos capazes de transmitir bem-estar. Sob esse aspecto, posso dizer que meu trabalho como terapeuta integrativa contribuiu na composição dos dois versos selecionados para a antologia.

**Gostaria de mencionar alguns livros e autores que admira?**

Como terapeuta, gosto de livros que geram mudanças comportamentais e de obras motivacionais, que despertam reflexões sobre a vida e ensinam como nos aproximar das pessoas de vibração positiva e nos afastar das que tenham energia negativa. Anthony Robbins, que escreveu “Mensagens de um Amigo”, Nuno Cobra, autor de “A Semente da Vitória”, e Augusto Cury, conhecido do grande público, mostram que, mesmo nos momentos difíceis, temos de manter a disposição e seguir rumo aos nossos sonhos. Admiro esses três autores. Além de me ajudarem no trabalho de terapia, exercem influência em minhas atividades como consultora empresarial e *coach*. Também gosto de ler os romances da autora Zíbia Gasparetto, pois eles nos levam a compreender os motivos das lutas diárias e a ter confiança e fé em Deus. ■

# cura poética



## delIRiUm LÍRICUS

PÍLULAS LÍRICAS DE VIDA E MORTE



- Ana Rita Santos
- Antonio Carlos Lopes Petean
- Artur Pires Custódio
- B. H. M. Schmitke
- Beth Lucchesi
- Cicero Christóforo
- Claudia Roberta Angst
- Consuelo Pagani
- Cristina Sobral
- Dani Raphael
- Daniel Gomez
- Daniely Araujo
- Dilu Machado
- Edson Ricardo Paiva
- Eliara Sandim
- Ezequiel Henrique
- Fernando de Oliveira
- Francine Rossini
- Gaurav Dhyam
- Hyanna da Cunha
- Inês Carolina Rilho
- Ivanildo Batista Chaves
- Jaqueline Rosa
- Jeovania P.



- João Fernando Gouveia
- Lara Mangieri
- Leandro de Souza
- Lenise M. Resende
- Lis Souto Maior
- Maria Helena Azevedo
- Marisa Pontes
- Nanci Otoni
- Natâni da Silva
- Neuza de Brito Carneiro
- Nilton Silveira
- Odenir Follador
- Pedrina Castro
- Ricardo Dardes
- Rita Pinheiro
- Rosely Frazão
- Rozz Messias
- Sonia Regina Villarinho
- Tássio Revelat
- Vaneide Luz
- Vicki Falcetta
- VivAlma
- William Ribeiro

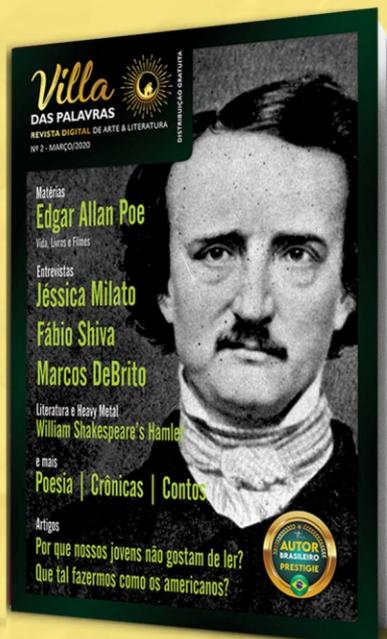
# se você gosta de revistas literárias...



## conexão Literatura

Visite:

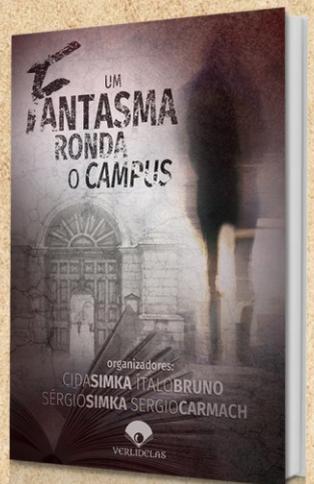
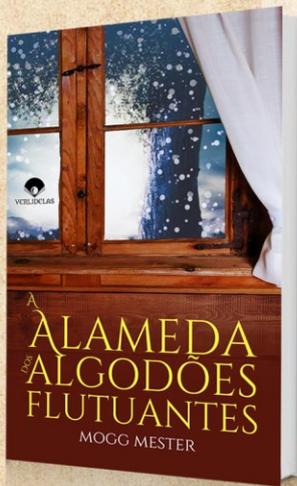
<http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/>



Visite:

<https://www.adrianovilla.com.br/>

# contos



# em breve:



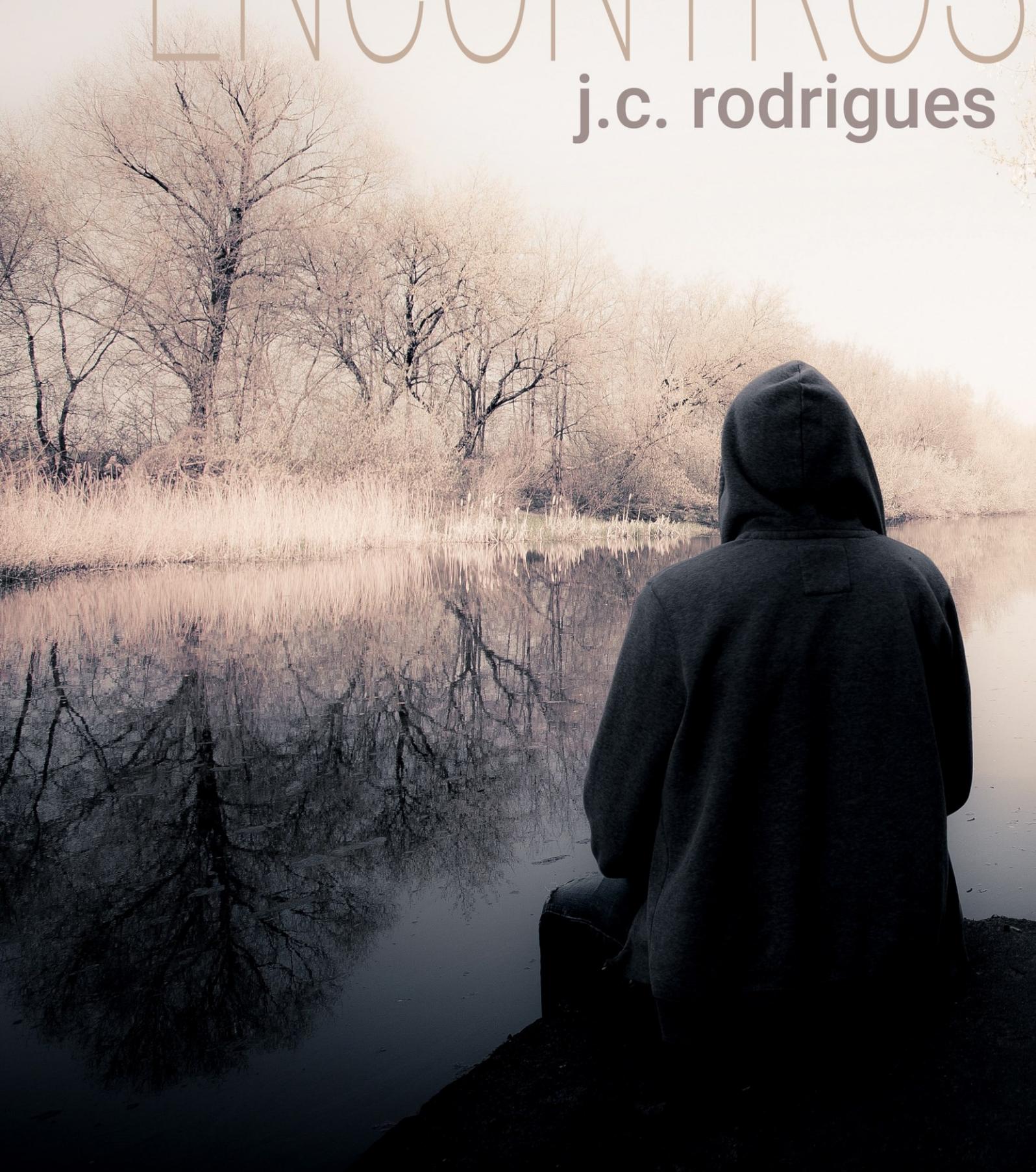
VERLIDELAS

# visite nossa loja

Conto

# ENCONTROS

j.c. rodrigues



*Esta é uma história minha, mas poderia ser a narrativa de qualquer um. Afinal, a vida parece nos escolher indiscriminadamente para pregar suas peças.*

**NOSSA VIDA É UM JOGO** de encontros e desencontros, uma tragicomédia onde as pessoas atuam como heróis ou vilões nas histórias umas das outras. E, mesmo que involuntariamente, todos nos tornamos personagens desse enredo cujo ato final pertence apenas ao destino.

Esta é uma história minha, mas poderia ser a narrativa de qualquer um. Afinal, a vida parece nos escolher indiscriminadamente para pregar suas peças.

Hoje foi um dia chuvoso, algo normal nesta época. Encontrei o ônibus vazio, como se as pessoas tivessem se recusado a sair de casa, temendo os efeitos causados pela água que descia dos céus. Contando com o tempo de parada no terminal, foi uma viagem de cerca de duas horas... Uma das desvantagens de se morar longe. Por alguma razão que não sei explicar, enquanto permanecia sentado, em-

balado pelo chacoalhar do coletivo, lembrei-me de uma história e refleti sobre ela durante todo o trajeto.

Muitos dos que me conhecem às vezes me

enxergam como um cara fora de rumo, um romântico incorrigível. Eu, porém, prefiro pensar que sou apenas alguém em busca de algo real. Hoje o mundo virtual invadiu nossas vidas, e o que deveria ser a realidade parece tão falso quanto o que vemos através das janelas das telas. As flores são virtuais, os *bons dias* não são mais ditos olho no olho e até mesmo as declarações de amor perderam a graça, encriptadas entre zi-



lhões de palavras enviadas por meio de mensagens.

Bom, mas não é sobre isso que quero falar. Há algum tempo, no início da minha juventude, entre os quatorze e os quinze anos de idade,

quando temos a tendência de fazer besteiras inumeráveis, eu era o tipo de garoto comum que gostava de jogar bola, subir no pé de jaca do vizinho e zanzar por aí em vez de fazer a montanha de atividades da escola. E levava broncas constantes em casa por ser desajeitado e derrubar as coisas. Aqueles foram bons tempos, mas não entendemos sua importância e não valorizamos devidamente cada momento até que se passem e se acabem, restando apenas a saudade.

Em muitas de minhas peraltices, fui acompanhado por um amigo fiel, um cara meio marrento que vivia se metendo em confusão. Não recorro quantas vezes entrei em brigas por culpa dele, e ainda carrego no braço as marcas de um tombo que levei, fugindo dos brutamontes do

colégio. Essas lembranças me trouxeram uma paz que há muito eu não sentia, até que o ônibus passou com tudo por uma lombada e me jogou para cima.

Imagino que todos experimentem aquele momento de despertar, quando a inocência começa a se esvaír, as conversas com os amigos ganham novos assuntos e se inicia uma metamorfose... Bom, acredito que meu desabrochar tenha se iniciado naquele fim de semana...

Diferente dos livros, onde acontecimentos marcantes costumam ocorrer em dias agradavelmente chuvosos ou em noites estreladas, essa história começou em uma tarde quente de verão, sob um calor que nos fazia encharcar a camisa de suor, ou grudá-las no chão, caso deitássemos.

Meu amigo fiel e eu conversávamos sob a sombra da jaqueira do nosso vizinho, um senhorzinho muito gentil; e muito sozinho, pois seus filhos quase nunca apareciam.

– Bem que você podia ter uma piscina – disse meu amigo, com o olhar perdido em direção às nuvens.

– Se eu tivesse grana para uma piscina, estaria longe daqui – respondi, dando-lhe um soco no ombro.

– É, mas e se fosse eu quem partisse? – ele retrucou.

– Para onde? Como se você tivesse muitos lugares para ir...

– Vou me mudar, meu pai encontrou um emprego melhor.

Encarei-o, desconcertado.

– Tudo bem, eu te visito... – disparei. – Não é como se você fosse para o outro lado do mundo.

– Vamos para outro estado... Acho que não será tão fácil assim me fazer uma visita...

– Então provavelmente não nos veremos mais – fingi indiferença.



– Isso só o tempo dirá... Mas de uma coisa eu sei: você só se mete em confusão sem mim.

– Não é bem assim que me lembro das coisas... Vai quando?

– Daqui a pouco, depois de entrar e tomar um banho rápido. Meu pai só está esperando eu me despedir de você.

– Mas que merda, por que não me falou antes? – tentei disfarçar os olhos cheios d'água.

– Queria evitar justamente essa cara de triste. Afinal, homens não choram.

– Foda-se, você chorou quando torceu o pé!

– Não chorei nada, aquilo foi suor que entrou nos meus olhos!

Não pude evitar o sorriso ao ouvir a desculpa esfarrapada. Seu ar despreocupado e travesso era algo que sempre me fazia bem.



– Você sabe que não consegue mentir para mim.

– Bom, preciso mesmo ir, mas tem algo que quero te perguntar... Você não precisa falar nada agora, meu novo endereço está com a sua mãe. Quando tiver uma resposta, me mande uma carta.

Ele se virou para mim e, inadvertidamente, encostou seus lábios nos meus, roubando meu primeiro beijo. Antes que eu conseguisse emitir qualquer som, ele correu desembestado.

Nunca mais o vi. Porém, depois de muito refletir sobre o acontecido, respondi sua pergunta com sinceridade, sem, entretanto, jamais receber uma resposta.

Cheguei ao terminal no exato instante em que a chuva parou e os guarda-chuvas se

fecharam, dando fim ao colorido nas ruas e permitindo que a luz fraca que atravessava as nuvens banhasse a cidade. Despertei de minhas doces recordações.

Desci do ônibus e andei calmamente até a plataforma. Cruzei os braços na tentativa de espantar o frio cortante. Ao me aproximar da saída do terminal, avistei ao longe uma pessoa com cabelos castanhos que trajava um casaco vermelho. Não costumo observar muito os outros na rua e, normalmente, apenas seguiria o meu rumo, mas algo nela despertou meu interesse.

Resolvi me aproximar. Embora bem diferente e mais alto, eu o reconheceria em qualquer lugar.

– Fiquei esperando uma resposta à minha carta... – falei.

Ele me olhou assustado e confuso. Após alguns segundos, finalmente me reconheceu. Percebi um meio sorriso desajeitado. Ele ainda conservava essa mania.

– Sua carta nunca chegou. Você devia saber, essas coisas se perdem...

– Ou se acham... O que faz por aqui?

– Mudei para cá há uns dois meses. E você?

– Faculdade.

– Entendo... Então estava passando por aqui, me viu e resolveu vir me dizer o que tinha na carta?

– Talvez, se você me pagar um lanche...

– Você não mudou nada. Jamais perde a chance de conseguir uma boquinha livre – sorriu, mas dessa vez de forma completa.

– Você me conhece, não é? – devolvi o sorriso. – Mas esse lanche ficará para outra

oportunidade. Agora não posso me atrasar. Me passa seu número.

Trocamos telefones e nos despedimos com um rápido aperto de mão, pois, apesar de termos sido grandes amigos, já não nos conhecíamos tão bem.

Ao partir, eu o ouvi dizer:

– Eduardo, dessa vez não vou embora.

Com um sorriso e um aceno, respondi:

– Você sempre se mete em confusão sem mim, João.

Esta história me marcou, assim como os arranhões que ainda são visíveis em meus braços. Hoje, reencontrei algo do passado que talvez esteja destinado a pertencer ao meu futuro, ainda que para você este tenha sido, quem sabe, apenas mais um dia chuvoso.

■ ■ ■

### J. C. RODRIGUES

Sempre gostou de ler e viu na escrita uma forma de dar voz aos sentimentos e de levar esperança e encantamento às pessoas. Com suas histórias, espera fazer o leitor acreditar em coisas aparentemente impossíveis, como um mundo sem ódio ou preconceito. Gosta de tomar contato com gêneros diversos e aprecia tanto tramas simples – como a de “A Geografia de Nós Dois”, de Jennifer E. Smith – como complexas. Costuma ser chamado de contraditório, pois escolheu cursar Engenharia Civil apesar de sua dedicação e gosto pela escrita. Mas ele encara suas opções na vida como realidades que se complementam.



# Literagindo

leitura inclusiva

O Literagindo foi idealizado pela jornalista cega Lúcia Mara Formighieri, que atuou como voluntária em projetos de inclusão social em Brasília e na webrádio portuguesa Sons do Tempo. Com textos de qualidade, o *blog* é voltado a pessoas com deficiência. Seu principal propósito é permitir a acessibilidade aos livros por meio da leitura inclusiva, que também é apresentada ao público geral. A partir de obras literárias diversas, o Literagindo realiza uma interação com o leitor, seja indicando livros, narrando histórias do cotidiano, respondendo aos comentários do público-alvo ou transmitindo um conteúdo acessível que visa prioritariamente a transformação da vida das pessoas.

<https://literagindo.com.br/>



IG LITERÁRIO de  
Van Brevelhieri

[https://www.instagram.com/van\\_brevelhieri/](https://www.instagram.com/van_brevelhieri/)



*Van Brevelhieri*

# Poesia



*daniel valente*

## TEMPOS *de* MAR

Luiz Daniel Valente da Silva é amazonense, residente em Rio Preto da Eva, licenciado em Letras, professor da rede pública (Seduc-AM), poeta, cronista e contista. Membro da Academia de Letras do Brasil (seccional Manaus), é autor das obras "Barco de Papel", "Janelas do Mundo" e "Pétalas de Amor", além de ter participado da "Antologia de Poetas Brasileiros 1987", promovida pela Shogun Arte – Rio de Janeiro. Venceu o Prêmios Literários Cidade de Manaus 2011 (melhor livro de poesia) e foi selecionado para o primeiro volume da antologia "Delirium Liricus", da Verlidelas. Premiado como um dos dois melhores poetas da coletânea, teve seu livro solo "Tempos de Mar" publicado pela editora



# Varal

O poema  
É uma lasca da manhã

Varal de roupas velhas  
Barquinho de papel

Folha solta  
Que leva o espírito

Rua pequena  
Maior que o mundo

Paralelepípedo  
Que canta

O poema  
É uma lasca da manhã  
E da vida inteira



## *Tempos de mar*

Para te conquistar  
Vou descalço  
Como nos tempos de mar

Primavera nos lábios  
Manhãs na ponta da língua  
Todo perfumado de palavras

Para te conquistar  
Não precisa um oceano  
Só uma letra de riacho

Olhar o vento  
Ficar bobo com a chuva...  
Tudo e tão pouco  
Para te conquistar



## *Nos becos*

Chega de sonhar  
Com aquele verso  
Num cavalo branco

Que viria salvar  
Todos os meus rabiscos

E me levaria para o céu  
Para ser o noivo das estrelas

O que eu quero agora  
É a estrela nua  
Que mora no beco



*pescar um poema  
é simples,  
basta a lua  
na ponta do anzol*



# Nas ondas do rádio

Todo sábado  
um novo tema

**ATMOSFERA LITERÁRIA** com Fabio Shiva



"Atmosfera Literária com Fabio Shiva" é um quadro do programa ATMOSFERA 102, apresentado todo sábado por Fernando Bamboo na Rádio 102.7 FM, de 12h às 14h

[Confira online](#)

Apoio: Verlidelas Editora

